



Revista Brasileira de História
ISSN: 0102-0188
rbh@edu.usp.br
Associação Nacional de História
Brasil

Borges Bittencourt, Libertad
Escrever, contar, guardar: o diário de Santander no exílio europeu (1829-1832)
Revista Brasileira de História, vol. 33, núm. 66, diciembre, 2013, pp. 247-267
Associação Nacional de História
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26329836012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Escrever, contar, guardar: o diário de Santander no exílio europeu (1829-1832)

To write, to tell, to keep: The diary of Santander in European exile (1829-1832)

Libertad Borges Bittencourt*

RESUMO

O propósito deste artigo é examinar o diário do general granadino Francisco de Paula Santander (1792-1840), um dos líderes da independência da Colômbia, escrito na primeira metade do século XIX. Dentre as temáticas que ele privilegia em seus escritos, optei por destacar suas reflexões sobre a situação política da Colômbia, bem como suas considerações sobre Bolívar. Os dois generais se desentenderam quanto ao modelo de governo a ser estabelecido nas regiões libertas do jugo espanhol, e esse dissenso levou à acusação de traição, prisão e condenação de Santander à morte. A pena foi comutada por Bolívar, substituída pelo exílio na Europa, e essa experiência como desterrado é narrada em seu diário.

Palavras-chave: Francisco de Paula Santander; Simón Bolívar; diário; exílio.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the diary of the Grenadian General Francisco de Paula Santander (1792-1840), one of the leaders of the independence of Colombia, written in the first half of the nineteenth century. Among the themes he favors in his writings, I chose to highlight his thoughts on the political situation in Colombia as well his notes about Bolivar. The two generals quarreled about the government of the independent regions from Spanish rule and this disagreement led to the arrest of Santander and his judgment for treason and his condemnation to death. The sentence was commuted by Bolivar, exchanged for exile in Europe, and that experience is reported in his diary.

Keywords: Francisco de Paula Santander; Simon Bolivar; diary; exile.

No período de consolidação do almejado projeto de unidade bolivariano, a Grã-Colômbia, estabeleceu-se o dissenso entre os próceres da independência naquela região da América do Sul. Entre os pontos de discórdia, Francisco de Paula Santander se opôs ao libertador ao defender um modelo de governo que garantisse a autonomia da Colômbia.¹ Acusado de traição, depois da

*Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de História. libertadborges@yahoo.com.br

“Conspiração Setembrina” de 1828 foi preso e condenado à morte. Teve a pena comutada pelo exílio, e essa etapa marcou profundamente suas reflexões no período. Ele registrou a experiência do desterro em um diário (Santander en Europa...), que começou a ser escrito em 27 de agosto de 1829, quando foi libertado e embarcou rumo à Europa, e foi concluído em 17 de julho de 1832, quando desembarcou de volta em Santa Marta, como presidente eleito.² Foi designado para esse cargo mesmo estando ausente, assinalando que ele ainda personificava valores e aspirações políticas em sua pátria. Nesses quase 3 anos, solteiro e aos 40 anos de idade, Santander, o *Homem das Leis*, passou por vários países na Europa e foi também aos Estados Unidos.

Ao lidarmos com diários como fonte de pesquisa é fundamental problematizar a especificidade dessa abordagem. Refletindo sobre os desafios da memória e da biografia, Vavy Pacheco Borges (2004, p.58) ressalta a importância de se pensar sobre o que significa o percurso de uma vida. Sem me deter propriamente na biografia do general granadino Francisco de Paula Santander, companheiro de Simón Bolívar na gesta independentista, essa foi a motivação precípua desta pesquisa. Mais precisamente, instigaram-me os escritos de Santander (diário e cartas), nos quais ele narra seu período de exílio na Europa, entre 1829 e 1832. Para este artigo, centrei-me em seu diário.

A fonte que examino é constituída pelos dois tomos referentes ao diário de Santander na Europa. Virgilio Barco, editor dos volumes, destaca a glória que precedia o general e como sua condição de exilado político suscitava o interesse daqueles que, na Europa, estavam informados ou interessados nos acontecimentos e ideias da América rebelde. Esse fator lhe franqueou contatos com personalidades do meio político e cultural. Sua receptividade foi acentuada também pelas agitações revolucionárias na Europa, ensejando simpatia à causa americana, da qual ele foi considerado herói e vítima. Santander não se furtou a registrar manifestações desse reconhecimento.

No prefácio dessa publicação, Mario Germán Romero enfatiza a importância de alguns diários como fonte da história, assinalando a sobriedade e a distinção da escrita do general granadino em seu desterro. Ao longo do seu périplo europeu, fica evidente o quanto Santander, também conhecido em seu país como o “Organizador da Vitória”, se sentia valorizado ao ser recebido por autoridades e pelas menções honrosas que recebia pessoalmente e em artigos nos jornais. Tudo isso ele registrou cuidadosamente, como que buscando referendar o reconhecimento à sua atuação independentista.

Aqui é preciso referenciar uma concepção de Foucault, quando este pensou o sujeito constituído pelas práticas subjetivadoras, que lhe permitem

conhecer-se e pensar-se enquanto sujeito, e também as práticas discursivas, que desempenham o papel de produtoras epistêmicas (Araujo, 2001, p.87-88). Segundo essa concepção, a questão é como o sujeito pode dizer algo como uma verdade de si, e como ele veio a precisar ‘dizer a verdade’. No caso de Santander, foi sua trajetória desde o poder, como vice-presidente, até a execração pública, quando foi considerado traidor e expatriado, que o levou a reelaborar o passado. Em seu exílio ele buscou reposicionar sua trajetória, para ele um imperativo moral.

Até mesmo por ter sido resguardado por mais de um século, o diário de Santander desvela aspectos pouco divulgados a respeito desse general, possibilitando uma aproximação também desse período em que ele esteve distante da sua pátria. A seleção dos eventos que o levaram ao exílio denota sua preocupação em registrar o bom uso que fez do seu tempo. Tempo sugerido como precioso quando ele cuidava de se inteirar sobre o funcionamento de instituições políticas e sociais, como que se preparando para futuras tarefas, em instâncias deliberativas no seu país. O registro acurado das suas atividades desvela a preocupação de alguém que escrevia para ser, posteriormente, objeto de leitura abalizada.

O trabalho com diários requer uma leitura particular, uma vez que, segundo Maria Teresa Cunha,

A ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre *mais ou menos*, ao *contar*, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. O historiador Roger Chartier lembra que, por meio da escrita, em seus vários suportes, são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos”. Tal afirmativa permite recordar a importância do texto escrito como um remédio eficaz contra o esquecimento, capaz de transcender a fugacidade da vida. (Cunha, 2009, p.251)

A condição de homem público distingue a escrita de Santander e o seu sentimento recalcado em relação àqueles que o alijaram dos destinos da pátria. Mesmo que o diário não tenha sido publicado em vida, uma vez que seus escritos pessoais ficaram resguardados em domínio privado por mais de um século, observa-se a formalidade da escrita e a preocupação em não centrar sua

narrativa em aspectos pitorescos sobre o que via e os contatos que fazia. Tais relatos são concisos e ele raras vezes abandonou esse padrão.

A valorização desse tipo de fonte foi impulsionada no interior do que se convencionou denominar como “práticas culturais do sensível” (Cunha, 2009, p.252). A “memória de papel” é “um suporte que lhe outorga força como testemunho de uma era e lhe dá perenidade contra a fatalidade do esquecimento” (ibidem, p.253). Reportando-se a Beatriz Sarlo, Cunha reitera que “há duas décadas processa-se uma *ressurreição do sujeito* que trouxe à tona um *dever de memória*” (ibidem, p.254). É esse o propósito que levou à publicação do diário de Santander, personagem singular que acabou sendo ofuscado pelo consenso historiográfico em torno de Simón Bolívar, na disputa por um espaço no panteão da independência na América do Sul de colonização espanhola.³

Mesmo quando se reportou à sua Colômbia natal e até a Bolívar, Santander o fez em breves linhas e raramente se alongou nos comentários. É perceptível a escolha que fez por uma escrita depurada de paixões, mesmo perpassada pelo ressentimento, cômico do seu papel insigne. Ao referenciarmos os diários de Santander reporto-me a Philippe Artières quando este questiona:

Pois, por que arquivamos nossas vidas? Para responder a uma injunção social. Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. *O anormal é o sem-papéis*. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. Arquivamos portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento “arquivarás tua vida” – e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade. (Artières, 1998, p.3)

O general granadino estava imbuído do sentido de urgência ao registrar suas impressões. Segundo Artières, escrever um diário, guardar papéis, enfim, “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ibidem, p.3). Essa perspectiva se coaduna à escrita de Santander no diário, no qual ele reiterou os eventos de que foi vítima pós-independência.

As reflexões sobre diários assinalam que estes podem responder à necessidade de confissão, de justificação, até mesmo de invenção de novos sentidos.

O diário aqui considerado perpassa a questão da justificação, uma vez que Santander se considerava injustiçado por Bolívar e seus seguidores e, ao longo da viagem, narrou as tentativas que fez em busca de reparação e reconhecimento. Nesse sentido, o diário aqui examinado é revestido de autoridade porque Santander assumiu um lugar de fala legitimado por sua atuação singular na guerra de independência e na administração da Nova Granada. Ele escreveu imbuído da autoridade de quem fez a história da independência, e sua receptividade europeia foi enaltecida por ele como aval da sua trajetória. O apelo dos seus escritos respalda-se na questão recorrente de registro de verdade e na condição de enunciação de um expatriado que lutou contra a opressão colonial e foi aviltado em seus direitos pelos seus próprios pares. Há que se reiterar também uma questão apontada por Calligaris que, referenciando Ariès, assinala:

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for a sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua vida não como confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada. Ou ainda uma cultura na qual importe ao indivíduo durar, sobreviver pessoalmente na memória dos outros – o que acontece quando ele começa a viver sua morte como uma tragédia, pois a comunidade para de ser a grande depositária da vida, garantia de toda comunidade. (Calligaris, 1998, p.5)

Santander encarna essa perspectiva. Na introdução dos tomos referentes ao diário há a informação de que ele colecionou documentos afirmados como autênticos, que constituíam seu arquivo pessoal, tendo manifestado o desejo de que servissem para embasar a história da sua vida e da sua atuação pública. Seu propósito era restabelecer o que ele enfatizava ser “a verdade falseada pelas interpretações caluniosas” de seus inimigos. Ele teria expressado sua vontade de que o *corpus* documental que arrolou “servisse de base para que fosse elaborada a história definitiva de sua atividade como fundador da nacionalidade colombiana, com 30 anos de trabalho ininterrupto em favor do seu país” (Santander en Europa..., p.1). Orgulhava-se, particularmente, do que considerava sua oposição heroica “ao regime absolutista e ditatorial que anularia os esforços de dezoito anos de faina na guerra e na administração” (ibidem, p.2). Aqui, mais uma vez, ele comparava subliminarmente seu projeto de nação ao de Bolívar, reiterando a justeza do seu propósito. Nesse sentido e com esse afã a guiar seu itinerário pessoal e político, era impossível que o menor gesto seu se

perdesse nas brumas do esquecimento e por isso ele registrou os eventos de que participou, para um dia compartilhá-los.

A despeito dos distintos enfoques possíveis, este artigo centra-se nas considerações de Santander sobre a situação política da Colômbia nesse período e sobre algumas personalidades e acontecimentos que ele destacou durante a viagem, sobretudo Bolívar, seu antigo companheiro de lutas e, ao final, seu inimigo figadal.

1829 – O TRAJETO EUROPEU INAUGURAL

A viagem de exílio de Santander começou no dia 27 de agosto de 1829, quando ele saiu da prisão em Cartagena com destino a Porto Cabello, na costa central da Venezuela, aonde chegou no dia 28 de agosto. Dali partiu com dois acompanhantes e três criados com destino a Hamburgo, tendo desembarcado nessa cidade alemã no mês de outubro. Descreveu a travessia do Atlântico, cuja parte ele intitulou *Diário de Navegação*, escrevendo à guisa de cabeçalho: “de Porto Cabello a Hamburgo, no veleiro denominado Maria. F. P. Santander, Ezequiel Rojas, F. Evangelista González”.

Ainda em alto-mar, no dia 25 de setembro anotou que era aniversário da conjuração de Bogotá. Santander iniciou a parte europeia do que ele denominou de *Diário e Itinerário* destacando que esta conteria pormenores que outros poderiam considerar supérfluos, mas que ele se propunha a anotar por curiosidade e porque não se conhecia a Europa na Colômbia. Esse propósito sugere que seu projeto era escrever um livro de viagem e não um diário íntimo, tão em voga no século XIX.

Ressaltou a admiração que sentiram seus interlocutores em Hamburgo, quando lhes relatou a situação de algumas cidades europeias e os conhecimentos geográficos que adquirira nos livros. Ao longo do diário mencionou as cartas que recebia de vários pontos da América espanhola e de outros países europeus e dos Estados Unidos, permitindo vislumbrar a extensa rede de sociabilidade da qual compartilhava.

Sua primeira referência a Bolívar foi feita no dia 23 de outubro, em uma recepção. Considerado muito jovem para a envergadura da tarefa que empreendera nas lutas pela independência, alguns pintores lhe perguntaram se ele vestiria o uniforme militar para ser retratado. Tendo respondido negativamente, foi saudado com o brado “liberdade, liberdade” e, em uma referência a Napoleão, disseram-lhe ainda que “algum dia Bolívar pagaria em Santa Helena pela sua conduta atual”.

No dia 27 de outubro, diante de um escritor por ele presenteado com uma cópia do ofício com que Bolívar o felicitou pela reeleição à vice-presidência e outra cópia da representação que ele dirigiu ao Conselho de governo, pedindo pela sua liberdade, o escritor se mostrou sensibilizado com o presente recebido. Como retribuição, mostrou-lhe a biografia que escrevia sobre ele. Lisonjeado, Santander anotou ter feito questão de corrigir cada detalhe, como datas e lugares, reiterando que o fez para “corrigir os erros com que frequentemente os estrangeiros escrevem a nossa história”.

Relatou que no dia seguinte leu no jornal *Le Constitutionnel* de Paris, datado do dia 22 de outubro, notícias sobre o seu embarque para a Europa, que o referenciavam como vice-presidente da Colômbia e chamavam Bolívar de ditador. No dia 30 do mesmo mês anotou que também um diário de Hamburgo o mencionava favoravelmente. Um exilado político, que lutou contra a metrópole colonial e venceu, certamente angariava simpatias que lhe precediam nessa viagem.⁴

Registrava com denodo os eventos de que foi vítima em sua pátria. No dia 7 de novembro anotou: “Hoje faz um ano que Urdaneta ditou minha sentença de morte, violando todos os direitos e todas as leis da justiça”. Todavia, tanto aqui quanto em outras partes do diário não aprofundou as breves anotações, registradas, aparentemente, para reiterar sua condição de injustiçado e expatriado involuntário. No dia 15 de novembro registrou fazer um ano que saíra de Bogotá para a prisão em Cartagena, ressaltando que nesse dia “se despedira dos amigos, da família, da sua idolatrada Nica e de sua querida Bogotá”, e perguntava-se: “até quando”? No dia 26 do mesmo mês recebeu de uma autoridade sua representação feita ao governo, reivindicando sua liberdade, publicada em alemão e espanhol.

No diário, fez diversas referências à extensa rede de sociabilidade que o precedia, o que muito contribuiu para os importantes contatos que fez nas diversas cidades que visitou. No dia 11 de dezembro mencionou artigos deplorando seus padecimentos, assinalando que lera traduções de publicações jornalísticas de Nova York contra a ditadura de Bolívar. Vários jornais europeus e norte-americanos conferiam importante espaço aos desdobramentos pós-independentistas na América Espanhola.

No dia 19 de dezembro um diário de Frankfurt noticiava um movimento revolucionário na Colômbia. No dia 26, Santander registrou suas impressões sobre esses eventos, certamente aguardando informações mais seguras sobre seus desdobramentos. Ressaltou ter lido nos jornais *Le Constitutionnel*, *Times*

e *Courier* que a insurreição começara no dia 12 de setembro e “não significou nenhum risco ao governo”.

A caminho de Paris passou pela Bélgica e anotou no dia 17 de dezembro ter lido que na Venezuela fracassara uma tentativa de revolução, depois do malogro de tentativa similar na Colômbia. Nesse mesmo dia leu em outra gazeta uma carta de Bolívar “suplicando” que fossem enviados esforços para que não fosse nomeado presidente, mas sim generalíssimo do exército. Santander escreveu que a carta era perpassada “por outras considerações insensatas das quais era Bolívar contumaz”, a seu ver “com o propósito de dissimular sua ambição de mando absoluto e perpétuo”.

A gazeta parisiense *Le Constitutionnel* publicara uma circular reservada do ministro de polícia francês, ordenando que Santander fosse vigiado de perto e com rigor assim que chegasse ao país. Nas anotações finais referentes a esse dia Santander transcreveu um trecho do artigo publicado no jornal e datado de 20 de janeiro:

Lemos no *Journal de la Meuse* que uma circular confidencial foi endereçada aos monges do distrito, alertando sobre a chegada em breve do general americano Santander, solicitando vigilância em todos os albergues nos quais ele possa se hospedar, alertando sobre as reuniões sediciosas que sua presença no país pode suscitar. Os habitantes do campo, disse esse mesmo jornal, nem sequer sabem o nome do personagem que impõe esse ridículo terror ao ministério. Os leitores do jornal sabem apenas que ele está neste momento em Hamburgo, mas não podem imaginar o que ele possa representar de alarmante para a tranquilidade da França...

Santander escreveu no dia 20 de janeiro que *Le Constitutionnel* de Paris também havia transcrito um artigo da gazeta de Bruxelas, comunicando sua chegada a esta cidade. Nesse mesmo dia recebeu um folheto impresso no Panamá, em 1828, com o título “As angústias da Colômbia”, que se posicionava contra a conduta de Bolívar. No dia 29 de janeiro anotou que gazetas inglesas informavam sobre as ações de Páez, que lutava pela autonomia da Venezuela. Ocorreria um ato público em Caracas, no dia 26 de novembro, em que se reivindicava a separação da Colômbia, uma vez que os manifestantes temiam a instauração de um governo monárquico. No dia seguinte, Santander registrou que o temor na Venezuela era que o general Bolívar fosse coroado.

Santander salientou as divergências entre o seu grupo e o liderado por Bolívar e marcava posição. No dia 2 de fevereiro encaminhou correspondência, questionando uma carta publicada pelo *Courier Français*, enviada por

opositores, com o propósito de “desacreditá-lo junto aos europeus amigos da liberdade verdadeira e racional”. Ele não aceitava passivamente que sua imagem continuasse a ser denegrida pelos apoiadores de Bolívar, os quais certamente se preocupavam com as ações de Santander na Europa e as versões que ele apresentava sobre os acontecimentos que o levaram à prisão em seu país e finalmente ao exílio.

1830 – A CARTOGRAFIA DA REVERÊNCIA

Santander adentrou o território francês no dia 13 de fevereiro, tendo sido comunicado pelo governo que lhe seria concedido asilo, desde que sua conduta o fizesse merecedor. Alertava-o também para que não se envolvesse com os partidos que agitavam o país e que recusasse qualquer demonstração pública, “como triunfos e ovações que pudesse receber”; caso contrário, seria obrigado a se retirar do país. O general granadino escreveu, a respeito:

Respondi que era justa a proposta do governo, que esperava não dar lugar a semelhante medida, pois me conduziria como me havia conduzido nos domínios da Dinamarca, da Prússia e dos Países Baixos, onde as autoridades não se haviam envolvido comigo, e que qualquer que fosse minha conduta e minhas opiniões políticas em meu país, eu sabia bem o que me cabia fazer, tanto na França quanto em qualquer outro país. (Valenciennes, 13 de fevereiro).

Chegou a Paris no dia 17 de fevereiro. Em seu primeiro passeio pela cidade descreveu de forma embevecida o que viu e relatou leituras dos diários locais, dando conta de que continuava a insurreição na Venezuela. Leu também sobre a concessão, na Colômbia, de láurea ao presidente dos Estados Unidos, no dia 25 de setembro de 1828; uma medalha “para perpetuar a memória da salvação de Bolívar”, ele criticou. Escreveu ter recebido visitas de colombianos ilustres e cartas oferecendo-lhe préstimos. No dia 19 destacou que os diários anunciavam sua chegada a Paris “em termos satisfatórios”, alguns especulando que ele pretendia se estabelecer na cidade.

No dia 22 de fevereiro recebeu uma carta da Jamaica, datada de 21 de dezembro, que, junto a notícias sobre seus familiares e amigos, detalhava os acontecimentos de Caracas, de 25 de novembro, questionando a autoridade de Bolívar para proclamar a federação. Não teceu comentário sobre esses eventos, como se eles comprovassem o acerto das suas concepções. Apenas

informou que tentaria publicar em Paris deliberações da Junta de Caracas quando da sua condenação e prisão.

Santander mencionou ter sido apresentado a inúmeras pessoas ilustres, como o principal redator da *Revue Encyclopédique* e o general Lafayette. No dia 2 de março recebeu cartas de Benjamin Constant criticando a conduta de Bolívar, e no dia 4 recebeu carta de Londres com um artigo do *Morning Herald* relativo à sua causa em Bogotá, texto que ele considerou lhe fazer justiça. Sua autoproclamada modéstia cedia com frequência aos elogios que recebia, sobretudo pela consideração com que era distinguido em país estrangeiro, o que parecia referendar sua obra mais representativa: a luta pela independência americana e a autonomia da Colômbia. Em um conceituado ateliê de escultura Santander escreveu que o artista teve atitude reverente em relação a ele; disse que faria a estátua dele porque tinha prazer em trabalhar a imagem de grandes homens.

Recebeu um projeto de código eclesiástico para o Peru no dia 9 de março, tendo escrito que se aprofundaria sobre os meios de promover um incremento nas relações sociais e comerciais entre a Europa e a América. Cogitou a nomeação de uma comissão para dirimir os erros de que, destacava ele, “se padece em geral na Europa com respeito ao estado, situação e recursos das diferentes nações do nosso continente”. Ressaltou ainda que observou muita curiosidade com relação a ele, e que várias pessoas o rodeavam para ouvi-lo e vê-lo, sem sequer se dirigir diretamente a ele.

No dia 12 de março os jornais mencionavam a representação dirigida pelo general Páez ao general Bolívar e às autoridades da Venezuela, sobre o propósito de dissolver a união central. Santander escreveu que um duque, que acabara de chegar de Bogotá, criticara a situação do país, afirmando que o governo estava em poder de cinco ou seis pessoas e que a oposição era incipiente; a massa da população era passiva e não havia condições políticas para se estabelecer um governo republicano naquele cenário.

No dia 2 de abril era seu aniversário. Por isso, afirmou estar bastante sentimental, tendo escrito novamente à sua família. No dia 13 leu mensagem de Bolívar ao congresso e sua proclamação, e anotou:

Escrevi um memorial com data de ontem ao Libertador presidente general Bolívar, pedindo-lhe que faça imprimir o processo que organizaram a meu respeito em Bogotá, em função da conjuração de 25 de setembro de 1828 e a representação que dirigi de Bocachica [onde estava preso] em 13 de dezembro, refutando a injusta sentença do comandante de Bogotá. Tomei esta medida em vista da men-

sagem que o presidente dirigiu no dia 20 de janeiro ao congresso. Este memorial é encaminhado por intermédio do senhor Palácio, que aqui é agente do governo colombiano. (Paris, 14 de abril)

Enfatizava que todos lhe perguntavam com interesse sua opinião sobre a possível destituição do general Bolívar; entretanto, Santander não fez referência à sua resposta a essas questões. No dia 22 de abril ele descreveu grande celeuma entre os editores de *Le Constitutionnel* sobre as agitações políticas da Colômbia e “o estado de civilização da América do Sul para ter governos federativos”. No dia 25 informou que os diários noticiavam a nova Constituição da Colômbia, que parecia ter sido mantido o governo centralizado. Anotou:

Estive com o general Lafayette, convidado por ele para tratar da reconciliação com Bolívar. Eu lhe expliquei a origem e o processo da nossa inimizade, as perseguições que sofri, os ultrajes e minha injusta condenação; disse-lhe que Bolívar era vingativo e orgulhoso, e que em minha desgraça atual eu não devia me abater, nem me humilhar, que sob esses princípios dispusesse de mim como lhe parecesse conveniente e oportuno. (Paris, 6 de maio)

A respeito dessa questão ressaltou que nada ficou resolvido, e posteriormente, sobre esse propósito, asseverou:

estiveram falando comigo sobre a projetada reconciliação com Bolívar. Eu lhes disse decididamente que, da minha parte, a reconciliação estava feita, sob as seguintes condições: 1ª) que o regime político da Colômbia fosse republicano e parcialmente federativo; 2ª) que o general Bolívar, de boa fé, aderisse a ele e governasse sem privilégios a partidos e conforme as leis; 3ª) que fossem reparados todos os ultrajes e perseguições que sofri. De outro modo, não posso me comprometer com nada, porque o que diferisse disso significaria humilhação e rebaixamentos, indignos de mim e prejudiciais ao bem-estar da minha pátria. (Paris, 7 de maio)

Registrou mais um encontro com o general Lafayette e com destacados colombianos no dia 13 de maio, quando se decidiu que o primeiro escreveria a Bolívar reivindicando uma reconciliação entre ambos, porém “sem ofender, minimamente que fosse, a honra e delicadeza” de Santander, “que agora, mais do que nunca, deveriam ser preservadas”. Os registros indicam maior frequência de informações sobre Bolívar e a Colômbia, o que permitia a ele

acompanhar a crise institucional que se instaurara. No dia 17 de maio informou ter lido vários papéis públicos de Caracas contra Bolívar.

No dia 1º de junho iniciou os preparativos para uma viagem a Londres, aonde chegou no dia 8, e ali escreveu a mais longa reflexão sobre a situação da Colômbia e da Venezuela, reiterando suas críticas a Bolívar:

Ali soube da nova farsa de Bolívar em Bogotá no mês de abril e li alguns documentos públicos de Bogotá. Tudo se resume a que em Casanare houve um movimento em favor do pronunciamento da Venezuela, motivo pelo qual os principais vizinhos de Popayán dirigiram uma petição ao congresso, com data de 29 de março, afirmando que era mister ceder à natureza das coisas e ao impulso da opinião pública, formando uma confederação para evitar a guerra com a Venezuela, que os granadinos não queriam fazer, porque os venezuelanos não deviam ser considerados, segundo os princípios do direito público, como facções, posto que uma grande parte dissidente de um Estado que tem meios para sustentar suas deliberações não pode ser tratada assim. Concluem pedindo a convocação de um congresso granadino e a adoção do regime federal que dia a dia é desejado pelos povos como uma necessidade imperiosa. Outro documento firmado pelo general Obando em Bogotá expressa iguais sentimentos e fala na efervescência da capital. Baseado em tudo isso o governo provisório de Bogotá (D. Caycedo, Osorio, Márquez e Herrán) ou instigado por Bolívar, que via decidida a opinião em favor do pronunciamento da Venezuela e da federação, no dia 15 de abril enviou uma mensagem ao Congresso convocando-o a dissolver-se e reunir uma convenção da Nova Granada. Isso produziu uma grande altercação no Congresso, quando García Del Rio e De Francisco chamaram o governo provisório de revolucionário e traidor. Entretanto, ministros da Inglaterra, Brasil e Estados Unidos enviaram uma nota ao governo, expressando que, sem interesse de intervir nos negócios domésticos e sem poder apreciar as razões da mensagem do governo ao congresso, declaravam que qualquer cisão do território colombiano lhes importaria o dever de retirar-se, dando por encerradas suas funções, e que os tratados concluídos com a Colômbia por seus respectivos governos seriam considerados inválidos. Essa nota escandalosa produziu seu efeito: o Conselho declarou que conservaria a integridade nacional e o Conselho de Estado proclamou Bolívar como presidente, ficando suspensos os debates da Câmara. Bolívar retomou o mando. (Londres, 26 de junho)

Mesmo lamentando os encaminhamentos políticos colombianos, no dia 1º de julho escreveu ao filósofo e jurista inglês Jeremias Bentham, solicitando

permissão para uma visita, e no dia 3 chegou às suas mãos um convite deste para um encontro, cujo final Santander transcreveu no diário: “É muito notável e honroso para mim que esse sábio em geral respeitado no mundo culto e chefe do Partido Radical Ilustrado na Inglaterra, conclua sua carta com estas palavras: ‘Com o respeito que seu renome me inspira, meu senhor, sou todo seu’. Jeremias Bentham” (Londres, 3 de julho).

Descreveu Bentham como um ancião de mais de 80 anos, alegre, de estatura baixa, gordo, cabelo grisalho e que lhe caía pelas costas; vestia-se de modo antigo e modestamente, sem gravata ou enfeite. Santander observou que em razão da idade avançada, este se esquecia de alguns nomes, mas “tinha talentos vastíssimos e alguma vaidade”. Passearam pelo pequeno jardim e lhe foi mostrada a casa onde vivera o célebre poeta Milton, que agora pertencia a Bentham e onde vivia um amigo do general Miranda. Falaram sobre a Colômbia e sobre Bolívar, e Santander considerou liberais as opiniões do inglês. Este lhe disse não existir tirano que não fosse derrotado, e que esperava não fosse Bolívar a exceção a essa regra consoladora para a liberdade.

No dia 7 de julho Santander teve negada sua solicitação de visto para a Rússia, o que o levou a viajar para a Holanda. Certamente a negativa devia-se às suas declaradas simpatias republicanas. Ele registrou que uma gazeta de Amsterdã no dia 21 de julho anunciava sua chegada à cidade, informando também que Bolívar saía de Bogotá para Cartagena, decidido a abandonar a Colômbia. No dia 23 de julho as gazetas publicaram novos pormenores a respeito do afastamento de Bolívar dos negócios públicos e sobre sua ida para Cartagena, em meados do mês de maio, para embarcar rumo à Europa. Santander nada mais anotou a respeito, e seguiu registrando contatos locais.

A primeira anotação do dia 7 de agosto lembrava o décimo primeiro aniversário da emblemática Batalha de Boyacá, na Colômbia, ocorrida em 1819, quando as tropas comandadas por Bolívar venceram os espanhóis. Chegou a Berlim a 16 de agosto e em visita a um museu na cidade conheceu Alexandre Humboldt, ressaltando ter sido alvo “das expressões mais honoríficas e de uma atenção particular” por parte dele. O barão afirmou ter percebido que a vida do general Bolívar era um obstáculo à liberdade da Colômbia, e que considerava absurda a Constituição boliviana. Disse-lhe ainda que Santander havia procedido nos negócios políticos da Colômbia de maneira adequada a um magistrado constitucional e honrado.

Enfatizou também o aniversário de um ano de seu embarque em Porto Cabello rumo à Europa, ocorrido no dia 27 de agosto, “cheio de prazer por deixar as prisões a que injustamente me condenaram, apesar de ter me separado da

minha pátria pela primeira vez”. Em um dos coches em que viajava havia um oficial do exército prussiano que o achou parecido com um espanhol, o que levou Santander a anotar lisonjeado:

À minha resposta de que eu não o era mais, porque meu país era Estado independente e se chamava Colômbia, me fez várias perguntas sobre nosso exército, o modo de fazer a guerra e, particularmente, sobre Bolívar; procurei ser moderado com respeito à conduta política do nosso Libertador e fiz o elogio de sua conduta militar; o oficial me respondeu que independentemente do que eu dizia havia homens importantes na Colômbia que eram contrários à conduta política de Bolívar, o que a ele parecia duvidoso acerca de ser ou não isenta de ambição. Minha resposta se reduziu a dizer que, com efeito, tinha inimigos pessoais e inimigos de seus princípios políticos, e que o tempo diria com justiça quem tinha razão. O oficial nomeou Sucre como contrário a Bolívar e, não se recordando de meu nome, disse estas palavras precisas: “Há outro general que foi presidente da Colômbia quando Bolívar estava no Peru que dizem ter demonstrado grandes talentos e muitos serviços, o qual se posicionou totalmente contrário às ideias de Bolívar, por sustentar as leis de seu país”. Esse elogio me fez ruborizar, mas não me revelei, porém meu criado logo depois, em uma parada para trocar os cavalos, revelou quem eu era, e o oficial me fez muitos cumprimentos lisonjeiros. (Prússia, 27 de agosto)

Esse episódio proporcionou a ele um lugar melhor na diligência, uma vez que o oficial comunicou aos demais passageiros quem ele era e um cavaleiro prussiano, que soube depois tratar-se de um conselheiro de municipalidade, o fez sentar-se ao seu lado, quando conversaram a respeito da Prússia e da Colômbia. Ao chegar à Saxônia anotou que em uma biblioteca, para agradar ao funcionário, teve de deixar a assinatura do general Bolívar em uma carta antiga, de 1818, permitindo dimensionar o quanto as notícias sobre as lutas independentistas na América eram difundidas na Europa e o interesse que os próceres americanos despertavam no velho continente.

No dia 10 de setembro recordou o segundo ano da entrega do governo a Bolívar, e no dia 13 presenteou um interlocutor com dois cadernos impressos na *Revue Encyclopédique* de Paris sobre a Colômbia e Bolívar. Essas publicações certamente atendiam às demandas de um público interessado, em uma Europa também convulsionada por revoluções e para quem o exemplo americano era emblemático.

No dia 23 de setembro escreveu sobre a confirmação da notícia divulgada pela *Augsburg Gazette* sobre a morte do benemérito general Sucre, um dos

próceres da independência e aliado de Bolívar. Santander escreveu: “Parece que a decantada contrarrevolução da Venezuela em favor de Bolívar se reduziu a miseráveis tentativas que têm sido sufocadas pelo governo”.

Também registrou no diário o segundo aniversário da revolução de Bogotá, em 25 de setembro, e nesse mesmo dia seguiu viagem para Roma. No dia 7 de novembro anotou que 2 anos antes se pronunciara a sua injusta sentença de morte. Em Florença, no dia 10 de novembro foi ao baile do grão-duque, com quem conversou sobre a Colômbia. Sugerindo a ideia de prolongar sua permanência enquanto aguardava mais clareza sobre a situação do seu país, Santander anotou que o duque lhe dissera ter se encontrado com Iturbide, “que fez a loucura de regressar ao México”. Santander não mencionou, mas estava implícita a execução de Iturbide em seu regresso ao México, por cuja independência lutou e que chegou a governar. No dia 15 do mesmo mês lembrou que 2 anos antes saíra desterrado de Bogotá “por ser amigo da liberdade”, abandonando amigos, família, bens e a pátria. No dia 22 de novembro mencionou o recebimento de carta de Bogotá e de Cartagena, dando conta de tristes notícias sobre a guerra civil que assolava a nação.

Reiniciou a viagem a Roma e aos Estados Pontifícios, aonde chegou no dia 8 de dezembro. Descreveu com pormenores os monumentos da antiguidade, o Vaticano, o Monte Palatino e outros lugares históricos, baseado em prospectos informativos, conforme ele mesmo anotou. No dia 11 de dezembro registrou terem começado naquele dia os funerais do papa (Pio VIII –1829-1830), aos quais compareceu. No dia 30 de dezembro recebeu um pacote de jornais de Bogotá, referentes ao mês de outubro, que muito o “entristeceram por causa da sorte do país”.

1831 – O ANO DECISIVO – A RECUPERAÇÃO DOS DIREITOS POLÍTICOS

Santander recebeu convite para uma recepção na casa de Jerônimo Bonaparte, príncipe de Montfort, no dia 18 de janeiro. No dia 2 de fevereiro, ao ouvir o canhão de Santo Ângelo anunciando a eleição do novo papa, juntou-se à multidão que se dirigiu ao Palácio Quirinal, quando foi comunicada a escolha do cardeal Cappellari, um veneziano de 74 anos, o qual tomaria o nome de Gregório XVI. Acompanhou as cerimônias relativas a essa sagração nos dias subsequentes.

No dia 5 de fevereiro teve início o carnaval em Roma, e Santander anotou suas características, comparecendo à coroação do papa na Basílica de São Pedro no dia seguinte. No dia 11 registrou que o carnaval fora suspenso em razão

do início da revolução nos Estados Pontifícios. A guarnição em Roma foi aumentada, mas a rotina seguia tranquila na cidade. Com poucos contatos expressivos, diferentemente do que ocorrera na França e na Inglaterra, no dia 24 de fevereiro seguiu viagem a Paris.

No dia 1º de março, em Florença, leu no *Journal du Commerce*, do dia 21 de fevereiro, notícia sobre a morte de Bolívar, ocorrida próximo a Santa Marta, em 17 de dezembro de 1830. Assinalou laconicamente: “Perda para a independência”. No dia 2 de março recebeu carta de Cartagena, de 5 de janeiro de 1831, confirmando a notícia.

Depois de permanecer curto período em Milão e na Suíça, prosseguiu a viagem de volta a Paris. Em 2 de abril anotou ser o dia do seu santo padroeiro e seu aniversário. É perceptível, desde então, a intensificação da troca epistolar. No dia 21 de abril visitou Humboldt, e este aprovou sua resolução de permanecer na Europa. Escreveu um artigo sobre essa decisão aos diários de Paris, e no dia 15 dirigiu uma representação ao congresso da Colômbia pedindo que se publicasse sua causa e sua representação a Bolívar. No dia 23 informou a publicação no *Le Constitutionnel* de um artigo que escrevera justificando sua resolução de não regressar naquele momento à Colômbia.

No dia 29 de abril recebeu carta de Nova York, datada de 31 de março, comunicando que começara “uma reação na Colômbia em favor do regime constitucional”. No dia 23 de maio retornou a Londres. Ali registrou alguns encontros e no dia 13 de junho recebeu cartas de Cartagena e da Jamaica, informando sobre a capitulação e a queda de Urdaneta, que ocupava o governo colombiano. Sua rede de sociabilidade o mantinha informado sobre as questões decisivas na sua pátria, e ele parecia aguardar as definições políticas para retornar. Fez uma curta viagem à Escócia, chegando a Glasgow no dia 18 de julho. Visitou ainda a Irlanda, retornando a Londres no dia 1º de agosto. No dia 19 voltou a Paris, de onde encaminhou, no dia 25, uma contundente representação ao governo de Bogotá, solicitando a publicação de sua causa, encaminhada após os acontecimentos de 25 de setembro de 1828.

Com cartas remetidas de Bogotá, Cartagena e Nova York, no dia 27 de setembro seu principal propósito foi alcançado. Recebeu gazetas colombianas do dia 19 de junho, com a publicação de decreto que restituía seus direitos políticos, “privados pela sentença de 7 de novembro de 1828, nos termos mais honoríficos”. Em face desses encaminhamentos, retirou sua representação ao governo colombiano.

No dia 3 de setembro recebeu carta sugerindo sua presença nos Estados Unidos e anotou que o jornal *Daily Advertiser* se referira a ele “de modo

eminentemente honroso”. Parecia evidente o futuro político de Santander, quando ele, depois da forte resistência quando de sua chegada à França, foi recebido pelo próprio rei Luís Filipe. Sobre esse encontro, registrou:

Fui apresentado ao rei em seu palácio de Neuilly pelo conde Saint Maurice; fui com o uniforme militar completo e o rei, a rainha e Mme. Adelaida, irmã do rei, me fizeram diferentes questões sobre a geografia da Colômbia e sobre sua situação política. O rei me disse que não devíamos temer nenhum ataque da Espanha, para o que era necessário formar um governo que inspirasse confiança na Europa e mantivesse a ordem pública. (Paris, 16 de setembro)

Começou a última fase da sua viagem no dia 18 de setembro, rumo aos Estados Unidos, tendo chegado a Nova York no dia 10 de novembro. Essa etapa da viagem ele descreveu sucintamente, em um parágrafo, anotando que, do embarque em 22 de setembro ao desembarque em 9 de novembro, quando fundearam na entrada da baía de Nova York, foram 32 dias de ventos contrários e temporais, até bem próximo à Terra Nova. No restante do ano registrou laconicamente encontros e visitas, indicando apenas aguardar o desfecho das lutas internas na Colômbia para regressar ao seu país.

1832 – A RETOMADA DO PROJETO INTERROMPIDO

Santander foi apresentado a José Bonaparte, conde de Survilliers, que residia em Nova Jersey, no dia 9 de março, e conheceu também a Filadélfia e Washington. Na capital dos Estados Unidos, no dia 27 de março, visitou o Senado. Em encontro com parlamentares anotou: “Falamos sobre os acontecimentos da Colômbia, e tendo sido perguntado o motivo principal destes episódios, respondi que a suma ignorância do povo e a desmedida ambição do chefe é que haviam conduzido à guerra da independência”. Seu ressentimento não arrefecera mesmo depois da morte de Bolívar.

Indicando a envergadura alcançada quando vice-presidente da Colômbia e as possibilidades vindouras, no dia 29 de março foi recebido pelo presidente Jackson e dele ouviu protestos de amizade à Colômbia e desejos de que se unissem e gozassem de paz e liberdade. Impressionou-se com as maneiras francas e sem etiqueta do presidente e com o fato de ele se comunicar apenas em inglês, observação que assinalou mais de uma vez sobre aquele país. No dia 31 voltou a se encontrar com os senadores e relatou:

Falou-se bastante da Colômbia e de Bolívar, e eu aproveitei a conjuntura para informar a Clay e a Calhoun sobre os projetos de monarquia que existem atualmente na Europa e os passos que estão dando a respeito. Falando Calhoun de Bolívar, me perguntou se ele tinha paixão por dinheiro. Respondi que não, porque eram duas suas paixões dominantes: a glória e o poder. Clay disse: “então são três, pois ele era muito apaixonado pelo belo sexo”. Todas as pessoas com quem tratei manifestaram desejos ardentes de que na Colômbia se estabeleça novamente alguma forma de união. (Washington, 31 de março)

Santander foi a Baltimore muito resfriado, e de volta à Filadélfia ficou acamado do dia 13 ao 22 de abril. No dia 29, já recuperado, visitou novamente José Bonaparte, no regresso a Nova York. Depois de ter sido eleito deputado à Convenção de Bogotá quando já estava nos Estados Unidos, no dia 12 de maio recebeu a notícia da sua nomeação a presidente da Nova Granada pela mesma convenção, não tendo assinalado surpresa ou emoção, como se esse fosse o desfecho natural dos acontecimentos que tanto aguardava. Não emitiu nenhum comentário a respeito. Chegaram de Bogotá os emissários do governo, Joaquin Acosta e Honorato Rodríguez. No dia 21 anotou que o governo dos Estados Unidos o congratulou pela eleição à presidência e lhe ofereceu um navio de guerra em Pensacola, de onde embarcaria para a Colômbia, no dia 20 de junho. Santander recusou o que considerou como “mesquinho oferecimento”, certamente almejando um deslocamento mais condigno com o cargo que ocuparia.

Nos dias subsequentes não mencionou mais a questão; apenas registrou visitas e, no dia 20, escreveu: “Preparativos para meu regresso a Nova Granada e despedida dos amigos e conhecidos”. No dia 23 embarcou para Santa Marta com Acosta e sua mulher e Honorato Rodríguez. Nada mais registrou, e no dia 17 de julho anotou ter chegado “a Santa Marta às 7:30 da manhã, e começa a minha carreira em Nova Granada”.

Fonte singular, o diário de exílio de Santander desvela a determinação dessa personagem singular e o quanto a divulgação dos acontecimentos americanos era pauta nos jornais europeus. O apoio e a consideração que ele alcançou na Europa e nos Estados Unidos corroboraram o propósito de recuperar sua imagem, maculada pela pecha de traidor imposta por Bolívar e seus simpatizantes, em um momento paradigmático de definição dos rumos do governo na pátria livre do jugo espanhol. No momento em que o poder exercido por Bolívar se esvaia, o nome de Santander foi indicado pelo fato de possibilitar a governabilidade da Colômbia. O exílio alimentou o

ressentimento de um homem que perdera a liberdade em nome do ideal republicano, do qual não se afastou.

O interregno entre seu desterro e a volta triunfante, quando foi escolhido como presidente mesmo em ausência, indica como ele jamais perdeu de vista a possibilidade do seu retorno ao poder. No diário Santander registrou comentários, sinalizando que Bolívar perderia apoio ao insistir em um modelo de governo que desconsiderava os fortes interesses regionais. Santander teve essa compreensão muito precocemente e pagou alto preço, em um período no qual o grupo de Bolívar não estava preparado para romper os frágeis liames que sustentavam o projeto de unidade da Grã-Colômbia.

No exílio, Santander desfrutou de um reconhecimento importante. Sua significativa rede de sociabilidade foi ainda mais ampliada e ele teve acesso a destacados membros dos distintos segmentos sociais e políticos por onde passou. Ao mencionar essa receptividade ele parecia reiterar o peso da sua biografia, construída nas lides na guerra de independência e no governo. Foi nomeado general do Exército colonial muito jovem, graças à sua bravura, e sua experiência na administração da atual Colômbia, tendo ocupado a vice-presidência, também foi emblemática.

No exílio ele soube planejar cada passo e reverberar cada encontro, visando respaldar seu propósito. Sua narrativa reitera os vínculos com a pátria, daí seu interesse na publicação do processo de que fora vítima na denominada “conspiração setembrina”. O diário também desvela o modo como ele se conduzia no exílio e, nesse sentido, Santander soube tirar proveito dos contatos que estabeleceu.

Como destaca Norbert Elias: “Para se compreender alguém é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer” (Elias, 1995, p.13). Para compreender Santander baseando-se no seu diário do exílio é preciso referenciar sua luta para reposicionar sua biografia como defensor intransigente de uma “federação parcial”, como ele afirmava, respeitando-se a autonomia da Colômbia e da Venezuela, o que levou ao desentendimento com Bolívar, defensor da unidade indissolúvel da Grã-Colômbia. Se Santander foi olvidado na disputa entre os líderes independentistas memoráveis, naquele curto período ele angariou reconhecimento e glória, como assinalam seus escritos no diário. Bolívar, em desgraça, caiu no ostracismo, até que seu nome foi alçado ao panteão dos grandes heróis algumas décadas após a sua morte. Entretanto, vale ressaltar a intenção de Santander, da qual ele não se afastou, na certeza de estar apontando o caminho mais adequado para o futuro político da região. A história mostrou o acerto de seu propósito.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.21, n.1, 1998.
- BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2.ed. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 2004.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos *Estudos Históricos*, Franca (SP): Unesp, v.21, p.5, 1998.
- CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Org.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- SANTANDER EN EUROPA: Diario de Viaje (1830-1832). Bogotá: Fundación para la conmemoración del bicentenario del natalicio y el sesquicentenario de la muerte del general Francisco de Paula Santander; Biblioteca Presidencia de la República, 1989.

NOTAS

¹ Desde a independência de Colômbia, Venezuela, Panamá e Equador, em 1819, Santander, “O homem das leis”, também conhecido como o “Organizador da Vitória”, foi nomeado vice-presidente, pelo Departamento de Cundinamarca, nome então adotado para a Nova Granada, atual Colômbia, e se encarregou do governo enquanto Bolívar comandava a guerra contra os espanhóis. Ao se estabelecer o regime político unitário, em 1821, ele foi confirmado como vice-presidente da Grã-Colômbia.

² Os oito cadernos, contendo os manuscritos que compõem seu diário, só foram divulgados em 1948, quando expostos pela primeira vez na sede do Museu Nacional da Colômbia. A primeira publicação dos diários ocorreu com o patrocínio do *Banco de la República* da Colômbia, em 1963. A edição que utilizo, em dois volumes (um correspondente ao período 1829-1832 e o outro a 1830-1832), é do ano de 1989, editada pela *Biblioteca de la Presidencia de la Republica*, em Bogotá. Fazem parte desse projeto editorial mais dois volumes contendo a correspondência de Santander no mesmo período, e um volume com o índice comentado dos lugares e personagens que o general visitou durante sua permanência como exilado político na Europa. São, portanto, cinco volumes. Fiz a tradução das citações destacadas neste artigo.

³ É importante ressaltar que essa não é uma questão superada no jogo de poder, visando

definir o lugar dos generais que lideraram as lutas independentistas na América Espanhola. O falecido presidente venezuelano Hugo Chávez Frías fazia questão de reiterar a traição de Santander a Bolívar, alimentando um dissenso que deu origem à ruptura entre ambos, cujo desdobramento foi a extradição de Santander.

⁴ Fez contatos com o editor de *El Correspondiente*, que lhe franqueou leituras de gazetas dos Estados Unidos. Mencionou uma visita no dia 6 de novembro a um ilustrado hamburguês, que lhe mostrou livros sobre a Colômbia e a Guatemala, uma obra sobre o México e obras recém-lançadas em Londres sobre a América, bem como mapas da Colômbia, feitos por Humboldt, que ele considerou excelentes. Impressionou-se porque todos se comunicavam publicamente em francês.